

Vitória: ao completar 431 anos, uma cidade cheia de problemas

AJ20363
Tião Barbosa
Fotos Arquivo AT

Completando na próxima quarta-feira, 431 anos, Vitória parece ter igual idade no tocante à falta de planejamento. O "surto desenvolvimentista" do Governo Jerônimo Monteiro (1908-1912) não obedeceu a qualquer prévio estudo — um precário "Código Municipal de Vitória" só sendo aprovado em 1954. O hoje cômico-trágico caminho seguido pelo Plano Diretor Urbano, concluído em 1979 — mas ainda não aprovado — não deveria existir. O código de 1954 previa a sua aprovação no prazo de um ano. Sem planejamento, Vitória não cresceu, e sim "inchou". Hoje, a total inexistência de rede de esgotos encabeça uma lista de problemas devido ao crescimento desordenado, que vão desde o reduzido número de leitos hospitalares até o retorno da prostituição ao centro, mais precisamente ao Parque Moscoso. Soluções existem. Algumas caras, como a relativa aos esgotos, e outras polêmicas, como a apontada pelo prefeito de Vitória, Rudy Maurer: a transferência da capital para Vila Velha.

Com coisas tão características como a moqueca capixaba, Vitória chegará a 8 de setembro com tantos ou mais problemas que a sua suposta idade. Sem rede de esgotos, planejamento e espaço físico para continuar crescendo, a ex-"cidade-presépio" não tem para seus habitantes o mesmo colorido dos cartões postais vendidos pelos programas estadual e federal de turismo.

Com praias poluídas, algumas delas verdadeiros depósitos de fezes, Vitória continua à espera de soluções. A nível de projetos, elas existem, como um plano da Cesan e da Hidroservice, que visa desviar todos os esgotos para a baía de Vitória e, numa segunda etapa, para Vila Velha, onde em Itapuã pretende-se construir um emissário submarino.

Os recursos, contudo, inexistem. Só a primeira etapa deste projeto está orçada em Cr\$ 10 bilhões, com previsão de trabalhos para até cinco anos. O prefeito de Vitória, Rudy Maurer, aponta uma outra solução para todos os problemas: a transferência da capital do Espírito Santo para Vila Velha: "Tudo lá é planície, tendo para onde crescer. Poderia se centralizar todos os órgãos do Governo, desburocratizando a vida do cidadão comum. Guardando as devidas proporções, será só seguir o exemplo de Brasília".

Com um plano Diretor Urbano ainda em discussão pelos vereadores, os problemas se avolumam. Com pouco mais de 10 mil vagas, o crescimento só poderá ser vertical, com edifícios substituindo até antigos casarões.

Recebendo pacientes de toda a Grande Vitória, os 1.978 leitos hospitalares são insuficientes, num déficit de 1.186. Para

praia. As águas recebem dejetos dos mais variados bairros, a exemplo do que ocorre na Praia Comprida e proximidades do canal de Camburi — locais, segundo engenheiros sanitaristas do Instituto Jones dos Santos Neves, que deveriam ser feitas monitoragens de 15 em 15 dias, alertando-se a população sobre os índices de coliformes fecais.

Feitos constantemente pela extinta Fundação do Meio Ambiente (Fema), os testes nas águas das praias parecem continuar existindo, agora sob os cuidados da Secretaria de Saúde. Os resultados, contudo, não são divulgados. Paulo de Mello Freitas Júnior, engenheiro sanitarista, acha que esta deveria ser a primeira medida a ser adotada: "Deveria se divulgar e esclarecer a população sobre os riscos que apresentam as praias com alto índice de coliformes, impedido mesmo que fossem frequentadas, como a de Ramos, no Rio".

Único PhD no Brasil em hidráulica marinha, Robson Sarmento considera mais crítica a situação da Praia Comprida: "Dois bueiros, ambos perto da ponte da Ilha do Frade, despejam esgotos lá. Como é uma baía fechada, os dejetos ficam parados, com os microorganismos proliferando. A solução, nesse caso, é simples. Basta uma canalização, de um quilômetro aproximadamente, até o Canal, onde todos esgotos deveriam ser jogados, pois não é usado para a natação e o índice de coliformes ainda é baixo".

Um plano da Cesan e da Hidroservice parece pretender o anunciado por Sarmento, para numa segunda etapa lançar todos os dejetos em alto-mar, através de um emissário submarino a ser construído em Itapuã. Os custos, porém, são de Cr\$ 10 bilhões a primeira etapa e de Cr\$ 90 bilhões para toda a obra.

O prefeito Rudy Maurer, afirmando que "esgoto poderia ser considerado prioritário", crê que dificilmente se obterão os recursos. Sobre a possibilidade de se pedir ao presidente Figueiredo uma "ajuda" neste sentido, aproveitando sua visita do dia 9 próximo, Maurer disse nada saber: "Isso tem que ser feito a nível de Governo do Estado. Além disso, não é a convite da PMV que o presidente vem a Vitória".

Hoje, segundo Paulo Bello, não existe rede de esgoto: "Há uma rede de drenagem pluvial, só isso, mesmo assim muito antiga". Datada de 1908, esta rede ainda tem contra si o atual movimento de carros — na Jerônimo Monteiro são 500 ônibus por hora, fora os demais veículos — já que foi construída a pouca profundidade.

SEM ESPAÇO

Dos 81 hectares que possui como área, a capital do Estado tem hoje apenas 1.200 desocupados, 2.760 hectares são considerados de difícil ocupação, 2.352



Entre morros, sem espaço, Vitória só pode crescer verticalmente

gundo Betarello: "Acho que essa tendência só chegará lá depois de Camburi estar totalmente ocupado. Até lá, a terceira ponte deverá estar concluída, com a verticalização indo atingindo alguns pontos de Vila Velha".

Essa previsão, contudo, parece estar ligada a uma incógnita ainda mais imprevisível: a terceira ponte. Embora tenha recebido o aval do presidente Figueiredo, em um dos seus discursos quando candidato, a terceira ponte vai aos poucos se distanciando da conclusão. A Huarty Campanha, firma espanhola interessada, ainda não se definiu, e uma nova promessa do presidente Figueiredo, agora na condição de cabo eleitoral, parece igualmente difícil.

BAIXOS SALÁRIOS

Com uma população economicamente ativa de 73.205 pessoas, conforme o censo de 1980 do IBGE, Vitória concentra 43.140 habitantes no setor terciário



(comércio). 21.712 estão no secundário e apenas 6.545 no primário (agropecuário)

Característico dos países desenvolvidos, o fato de apresentar o maior percentual no setor terciário, no caso de Vitória, não implica em melhores condições de vida. 54.73% da população economicamente ativa recebem até dois salários mínimos, enquanto 14,02% (10.261 pessoas) ganham entre dois a três salários. Somente 3.084 habitantes (4,21%) têm vencimentos superiores a 10 salários mínimos.

PROSTITUIÇÃO E CRIMINALIDADE

Com a Companhia Siderúrgica de Tubarão, vieram também migrantes de vários Estados. Assim, avolumaram-se os problemas. Somente em 1981, 13.412 pessoas foram atendidas pelo Serviço de Apoio ao Migrante (Sami) da Secretaria do Bem Estar Social. No primeiro semestre deste ano 10.062 já foram assistidas.

Todos motivados pela CST, os migrantes parecem que começam agora a mudar seus rumos. As primeiras demissões nas obras de Tubarão, segundo Eliana Rabello, da Secretaria do Bem Estar Social, já foram suficientes para registrar uma quebra no índice de procura de ajuda.

Trabalhadores civis, sem instrução, os migrantes que não voltam para seus locais de origem, à grande parcela de desempregados, de Vitória, parte deles distribuindo-se pela grande Vitória. As mu-

Costumes para combater a prostituição no centro da cidade, não explicando se estaria incluída nesta anunciada ação o combate à área próxima ao bar Scandinavia, na praça Pio XII, que serve de "ponto de encontro" as 24 horas do dia.

Na delegacia de Costumes, ante a ausência do delegado José Carlos de Almeida, a única resposta foi um sintético "não sei de nada, pois isso é com o delegado mesmo", dada pelo superintendente de Investigações Criminais, Adão Rosa.

RECURSOS PARA MENDIGOS

Implorando por Deus, os mendigos disputam cada calçada do centro de Vitória. Sob a responsabilidade de serem recolhidos pelo Centro de Ajustamento Social, com sede em Carapina, os mendigos pouco parecem se importar com a oportunidade de terem um local para dormir, almoçar, jantar e tomar café duas vezes ao dia — assistência prestada em Carapina, onde também são ensinadas algumas profissões, como corte e costura.

O subsecretário Tasso Lugon, do Bem Estar Social, após lembrar que foi liberada uma verba de Cr\$ 9 milhões para o Centro de Ajustamento Social (Diário Oficial de sexta-feira, 5ª página), disse que o local será ampliado: "Ofereceremos mais cursos aos mendigos, de forma que eles se especializem o mínimo, como bombeiro, por exemplo".

Garantindo que 70% dos pedintes das

todos os órgãos do Governo, desburocratizando a vida do cidadão comum. Guardando as devidas proporções, será só seguir o exemplo de Brasília”.

Com um plano Diretor Urbano ainda em discussão pelos vereadores, os problemas se avolumam. Com pouco mais de 10 mil vagas, o crescimento só poderá ser vertical, com edifícios substituindo até antigos casarões.

Recebendo pacientes de toda a Grande Vitória, os 1.978 leitos hospitalares são insuficientes, num déficit de 1.186. Para 1990, a defasagem deverá ser maior ainda (2.254) conforme estudo do médico Geraldo Pignaton. A nível de leitos infantis, a situação é mais grave, com todos os atuais 290 da Grande Vitória estando na capital, num déficit de 791 leitos.

Não se portando como capital, Vitória não tem até hoje transporte noturno para seus trabalhadores, com o Detran alegando o eterno “estamos estudando o assunto”. E, como uma verdadeira cidade do interior, a “zona do meretrício” confunde-se com o centro comercial, com o Parque Moscoso novamente sendo reducto de prostitutas. Durante o dia, também no centro, um outro tipo de “prostíbulo”: a mendicância, quadro só menos negro, devido à proporção, que o relativo aos menores abandonados.

“AJUDA” DE FIGUEIREDO

Ao alcance de uma reduzida parcela da população, a Praia do Canto parece “excelente” somente até as areias de sua

43.140 habitantes: no setor terciário

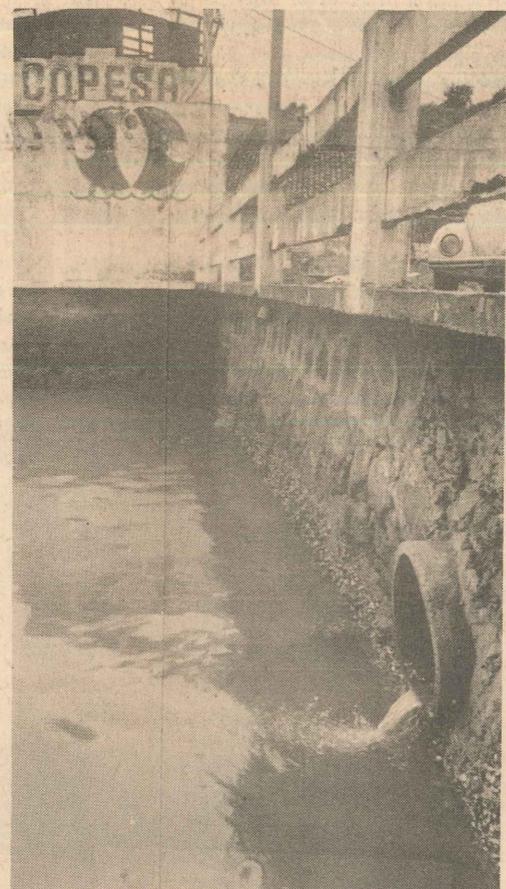
SEM ESPAÇO

Dos 81 hectares que possui como área, a capital do Estado tem hoje apenas 1.200 desocupados, 2.760 hectares são considerados de difícil ocupação, 2.352 abrigam obras “permanentes”, como a Universidade e a Polícia Militar, e 1.800 se referem à “mancha urbana”, ou seja, já construída.

Por serem ocupados, restam poucos locais: Contorno, Vale do Mulembá, Ilha da Fumaça, Ilha do Príncipe, Bairro de Fátima e Canal da Passagem (hoje já invadido, o que não foi verificado quando estudo feito pelo Instituto Jones dos Santos Neves, em 1980)

Fernando Betarello, técnico em planejamento, explica que existem hoje pouco mais de 10 mil lotes vagos, não comportando mais que 70 mil pessoas, caso sejam ocupados por residências unifamiliares. Com uma previsão de 310.330 habitantes para 1990 — hoje são 207.507 —, segundo Betarello, “é fácil prever que a tendência é o crescimento vertical, pois o preço da terra ficará cada vez mais caro, tendo de ser dividido entre várias pessoas, isto através de construção de apartamentos”.

O Contorno de Santo Antônio deverá ficar imune ao crescimento vertical, se-



Canal de Vitória: como paliativo, onde todos os esgotos deveriam ser jogados

O passado não traz saudades

Tendo hoje em suas ruas um corre-corre de mineiros, baianos, japoneses, italianos e alguns capixabas, Vitória parece mais próxima dos carros movidos a energia solar do que da época dos bondes puxados a burro e dos lampiões a gás.

A “velha geração”, contudo, refuta qualquer saudosismo, sem nem mesmo demonstrar nos olhos nenhum brilho ao falar “na minha época...” Ela acredita mais que “Vitória cresceu como qualquer cidade”, não se apegando nem mesmo ao chavão “se eu pudesse voltar o tempo”.

Adelpho Poli Monjardim, Cícero Moares e Cristiano Dias Fraga, todos com mais de 80 anos, não têm reclamações. A única ressalva foi feita por Cristiano, chefe da Divisão de Saúde do Espírito Santo entre 1932 e 1938: “Hoje, tem que se tomar café em pé. Não existem mais locais para isso. Até o Bar Santos foi vendido para outros donos, descaracterizando-se”.

POUCAS SAUDADES

Cícero Moares, titular da Diretoria de Geografia, Geologia e Mineralogia por duas vezes (1926 a 1930 e 1936 a 1965), não procura fazer comparações. Em seu apartamento na Praia do Canto, apenas mostra descontentamento com a administração do Porto de Vitória:

“Estão novamente fazendo o Penedo de ancoradouro para grandes navios. Há mais de 10 anos, tentaram isso, mas foram impedidos por Luís Serafim Derenzi e Mário Aristides Freire. Hoje, eles estão mortos. Os vivos, como eu, não têm como não permitir a descaracterização do Penedo”.

De “sua época” diz não ter saudades, defendendo apenas a conservação de um

bonde como patrimônio histórico. Para Cristiano Dias Fraga a definição de patrimônio parece constatar em muito com o que pensam os membros do Departamento Estadual de Cultura (DEC) que cuidam do assunto, para os quais até o Bar Britz deve se tombado, basicamente por ser o ponto de encontro da “noite capixaba”.

Cristiano acha que devem ser conservadas apenas algumas edificações: “Somente as de estilo e com mais de 80 anos”. Para ele, o Palácio Santa Clara, hoje em ruínas na rua de igual nome, “não tem valor histórico nenhum”, caracterizando como “patrimônio” apenas o Palácio Anchieta, o Convento da Penha e “algumas igrejas”.

AUTONOMIA

Em vez de saudosismo, Adelpho Poli Monjardim mostra apenas orgulho: “Vitória começou a ser cidade comigo”. Nomeado prefeito em 1955 — indo até 1957, quando exonerou-se — e eleito pelo União Democrática Nacional (UDN) para o mandato 1959-1963, Adelpho afirma: “Iluminei mais de 300 ruas, acabei com o engarrafamento e fui o primeiro prefeito a equiparar os vencimentos dos aposentados com os da ativa”.

Lembrando que até 1909 a PMV chamava-se Paço Municipal, ele parece ter no passado um outro grande mérito: “Só existiram dois prefeitos de Vitória indicados pelo voto. Eu e o Sólon Borges. E foi justamente nestes mandatos, devido à autonomia, que Vitória mais se desenvolveu. Era importante que os prefeitos das capitais deixassem de ser nomeados, já que o são apenas para dar sustentação

política ao governador”.

Em vez de lamúrias, Adelpho criticamente as “questões políticas”: “Vitória poderia ser hoje muito mais desenvolvida. A Usiminas e a CVRD viriam para cá, se não fossem as preferências dos presidentes das respectivas épocas. Apesar disso, Vitória ainda será a capital do aço da América Latina, devido à sua localização geográfica, considerada a melhor do mundo por um estudioso canadense”.

ESPORTE

O tom de crítica só muda quando, ao invés da política relembra o esporte. Campeão estadual de water-pólo, praticamente de luta livre e fundador de um ringue de boxe no Álvares Cabral, Adelpho lamenta que hoje não exista o mesmo entusiasmo, embora reconheça que “tudo melhorou, tanto que os clubes se profissionalizaram”.

Do remo, disse apenas que “era muito mais emocionante, com o Saldanha, Álvares e Náutico Brasil — que retornou o mês passado à baía de Vitória, após 20 anos de inatividade — fazendo todos irem torcer, ao contrário de hoje”. Do futebol, lembra-se que eram três clubes, todos amadores e com sede em Jucutuquara: Rio Branco, Moscoso e Vitória.

Após uma risada curta, disse que “o Rio Branco nunca ganhava do Vitória, até um dia contratar um tal de Salema, do São Cristóvão, e vencer por 3 a 1, terminando o jogo numa pancadaria danada”. Hoje, segundo ele, uma outra prova de que “tudo melhorou” e não existirem mais brigas nos campos de futebol, pelo menos tão constantemente.

Todos motivados pela CST, os migrantes parecem que começam agora a mudar seus rumos. As primeiras demissões nas obras de Tubarão, segundo Eliana Rabello, da Secretaria do Bem Estar Social, já foram suficientes para registrar uma quebra no índice de procura de ajuda.

Trabalhadores civis, sem instrução, os migrantes que não voltam para seus locais de origem, à grande parcela de desempregados, de Vitória, parte deles distribuindo-se pela grande Vitória. As mulheres, além da subsistência pelo roubo, têm uma outra opção: a prostituição.

Consequência ou não do êxodo rural, este “recurso” tem sido largamente usado. O centro de Vitória voltou a ser sede das prostitutas, levadas para São Sebastião, em Carapina, na década passada. O Parque Moscoso, de área de lazer, passou a ser local de “trabalho”.

Os hotéis próximos ao Parque também aumentaram em número, com três deles — dois na rua 23 de Maio e um na avenida República, perto do ponto de ônibus de Vila Velha — servindo de “ponto de encontro” dos casais.

Cobrando um preço fixo pelo quarto — Cr\$ 300 —, os hotéis, conforme informações escassas obtidas no Parque Moscoso, aparentemente não têm qualquer ligação com as prostitutas, que dificilmente aceitam uma “transa” por menos de Cr\$ 500.

Da Secretaria de Segurança, conforme o chefe de Gabinete Jair Carneiro, já foi enviado um expediente à Delegacia de

mir, almoçar, jantar e tomar café duas vezes ao dia — assistência prestada em Carapina, onde também são ensinadas algumas profissões, como corte e costura.

O subsecretário Tasso Lugon, do Bem Estar Social, após lembrar que foi liberada uma verba de Cr\$ 9 milhões para o Centro de Ajustamento Social (Diário Oficial de sexta-feira, 5ª página), disse que o local será ampliado: “Ofereceremos mais cursos aos mendigos, de forma que eles se especializem o mínimo, como bombeiro, por exemplo”.

Garantindo que 70% dos pedintes das ruas são débeis mentais, Tasso Lugon lembrou que outro problema é a não aceitação da família: “Estamos desenvolvendo um trabalho junto às famílias, no caso de o mendigo a ter, para que ele não seja rejeitado”.

Sobre os motivos dos pedintes não ficarem em Carapina, Lugon acredita serem vários: “Quando 50% dos que vão para lá, ficam, este é um índice excelente. O Centro tem capacidade, hoje, para 40 pessoas, mas abriga sempre mais, até 80 em algumas épocas”.

Tendo em comum apenas o fato de serem migrantes, os mendigos parecem assumir tanto o papel de vítimas como réus. Maria Bello, responsável pelo recolhimento feito pelo Centro de Ajustamento, afirma que “existem mulheres que alugam crianças para ficarem pedindo, enquanto já conheci outros com dinheiro na caderneta de poupança e com advogado defendendo causas para eles”.

As dúvidas sobre a criação

Como uma senhora muito idosa que comemora seu aniversário e perdeu “as contas”, um ano a mais ou a menos parece não fazer diferença para Vitória. Embora tida como de 431 anos, a capital do Espírito Santo não tem dados concretos quanto à data de sua criação.

Os historiadores são unânimes em um ponto: “Os historiógrafos foram assás pecaminosos, omissos mesmos, em relatos de suma importância... notando-lhes cuidado, senão temor, em ferir um dos magnos capítulos — a fundação de Vitória”, conforme afirma Adelpho Poli Monjardim, de 80 anos, em seu livro “Vitória Física”, editado em 1949.

O 1551 parece ser ainda mais simbólico ante a convicção de Luiz Serafim Derenzi: “É muito controvertida a data da mudança de sede do Governo da Capitania, mas nenhuma dúvida existe quanto à ocupação pelos colonos antes de 1550”.

Ainda de acordo com Serafim Derenzi (“Biografia de uma ilha”), citado por Cícero Moares, de 84 anos, em seu trabalho “História do Palácio Anchieta” (1970), “...Basílio Daemon, sem que ofereça testemunha incontestável, registra que a mudança se fez em 1551 e a 8 de setembro, após a derrota infligida aos indígenas, foi dado o nome de Vila da Vitória ao povoado”.

Em sua casa na rua do Rosário, Adelpho Poli Monjardim, prefeito de Vitória por duas vezes, não fez ressalvas quanto ao ano, e sim no que se refere ao 8 de setembro: “Fazendo cálculos de quanto tempo Vasco Fernandes gastaria de navio para chegar

aqui, conclui-se que a batalha contra os tupiniquins, aimorés e goitacazes foi em meados de abril. Comemorase em setembro o dia de Vitória por essa data ter sido considerada aleatoriamente”.

DE XAPINANG A VITÓRIA

Em seus quatrocentos e trinta e um anos, Vitória recebeu diversos nomes. Embora não registrasse em nenhum livro, Xapinang parece ser o primeiro deles, segundo Adelpho Monjardim. Oficialmente, a primeira denominação foi “Ilha de Santo Antônio”, possivelmente criada em 15 de junho de 1537 por Duarte Lemos (Felisberto Freire, “História Territorial do Brasil”).

“Vila Nova” foi outro nome de Vitória, aparentemente em oposição à vila que já havia sido descoberta, com as duas passando a se diferenciar pelos adjetivos velha e nova. Após isto, houve “Vila da Vitória”, que evoluiu para “Vila de Vitória”.

Cícero Moares afirma que até o nome Vitória é de controvertida explicação, não acreditando que seja relativo à vitória de Vasco Fernandes Coutinho sobre os indígenas: “Dado esse critério é realmente estranhável que só tenhamos três Vitórias no Brasil, uma em Pernambuco, uma na Bahia e a terceira no Espírito Santo”.

Citando Maria Stella de Novaes, ele dá outra versão: “...os colonos, querendo perpetuar a memória de tão singular fato (a vitória de 8 de setembro) dedicaram o novo templo construído à Virgem das Virgens, que os auxiliou, sob o título especial de Vitória”.